

A nova ordem mundial baseada na IA

Por Ruchir Sharma

Valor, 30/06/2026

Gastos no setor representam, em média, 3,7% do PIB entre os vencedores da IA, comparados a 1,6% nos que estão perdendo terreno

É difícil lembrar um momento em que os mercados globais estivessem tão obcecados por uma única narrativa. O boom da inteligência artificial tornou-se tão poderoso e disseminado que está se sobrepondo a todos os demais fatores de retorno e moldando uma nova ordem mundial baseada na IA.

O desempenho relativo dos principais mercados acionários do mundo ao longo do último ano pode ser explicado pelo grau de exposição de cada país à IA. Nações com uma presença significativa na cadeia (“stack”) de setores que desenvolvem infraestrutura e serviços de IA estão superando amplamente as demais, enquanto aquelas que não participam desse ecossistema ficam para trás por margens recordes. Entre os vencedores estão Estados Unidos e China graças, acima de tudo, aos seus modelos fundamentais de IA; Taiwan e Coreia do Sul, impulsionados por seus fabricantes de chips; Japão e Israel, apoiados em um amplo conjunto de competências ligadas à IA.

Os vencedores parciais são os fornecedores secundários. Eles incluem países exportadores de circuitos, servidores e outros equipamentos eletrônicos relacionados à IA (como México, Tailândia e Vietnã) ou que desempenham um papel na cadeia de IA tanto como exportadores quanto como importantes centros de dados (caso de Malásia e Singapura).

Os perdedores incluem boa parte da Europa, com algumas exceções pontuais (a Holanda é um importante fornecedor de chips graças a uma única grande empresa). Em situação ainda pior estão os países que não têm empresas ou setores ligados à IA e dependem fortemente de indústrias mais expostas a rupturas, entre elas os serviços de Tecnologia da Informação (TI).

Nos EUA, os segmentos ligados à IA representam mais de 40% da capitalização de mercado e foram responsáveis por mais de 80% dos retornos deste ano. O perfil de retorno e de concentração é semelhante no Japão e ainda mais acentuado na Coreia do Sul e em Taiwan. Na China, toda a movimentação está concentrada nos segmentos mais novos e voltados para o crescimento, enquanto os setores da velha economia enfrentam dificuldades. Enquanto isso, países como Índia e Filipinas, vistos como especialmente vulneráveis ao impacto disruptivo da IA, acumulam perdas excessivas neste ano.

A febre da internet no fim dos anos 90 também foi um fenômeno global avassalador, mas não era tão concentrada. Naquela época, os principais subsetores de tecnologia eram equipamentos de telecomunicações, semicondutores e serviços de telefonia móvel, que responderam por 60% dos ganhos dos mercados globais no auge da bolha das empresas pontocom, no começo dos anos 2000. Neste ano, os três principais subsetores de tecnologia (semicondutores, hardware e equipamentos eletrônicos) já contribuíram com uma parcela significativamente maior dos ganhos dos mercados globais: mais de 70%.

Além disso, ao contrário do auge da bolha pontocom, quando os retornos impulsionados pela tecnologia se espalhavam por diferentes mercados e setores, hoje eles estão drenando recursos de indústrias e países que ficaram à margem da IA. Mesmo nos EUA, os investimentos fora do setor de tecnologia estão encolhendo em termos reais. Enquanto isso,

investidores estrangeiros continuam tirando recursos de países vistos como periféricos ao boom da IA, do Reino Unido à Indonésia.

Os investidores globais podem estar concentrados quase exclusivamente na IA, mas não estão escolhendo vencedores ao acaso. Os países que lideram essa corrida são potências tecnológicas consolidadas, com um compromisso de longa data com pesquisa e desenvolvimento, destinando, em média, mais de 3% do PIB à área - mais de três vezes o nível observado nos países que ficaram para trás. Eles também investem pesadamente em tecnologia; os gastos no setor representam, em média 3,7% do PIB entre os vencedores da IA, comparado a 2,7% nos países parcialmente beneficiados e apenas 1,6% entre os que estão perdendo terreno.

É verdade que a posição de nenhum líder está garantida. Nos EUA, o desempenho das gigantes de tecnologia conhecidas como as “Sete Magníficas” está cada vez mais desigual: neste ano, três ações acumulam alta, três registram queda e uma permanece praticamente estável. Além disso, todas enfrentam algum tipo de concorrência externa, frequentemente vinda da China.

Na China, gigantes como Alibaba e Tencent ainda tentam descobrir como transformar a IA em lucros e acumulam quedas de cerca de 30% no ano. O verdadeiro impulso da IA na China está nas empresas de tecnologia mais novas

No Japão, a liderança do mercado mudou de forma acentuada em direção à tecnologia no último ano. As ações ligadas a semicondutores subiram 200%, enquanto a pioneira em memória para computadores Kioxia valorizou-se 3.500%, tornando-se a empresa de maior valor de mercado do país.

O efeito estimulante da IA continua ajudando muitas economias a atravessar uma crise após outra, da guerra tarifária ao choque do petróleo provocado pela guerra no Irã. Desde o início do ano, as expectativas de crescimento do PIB dos países vencedores na corrida da IA aumentaram quase um ponto porcentual completo, enquanto recuaram significativamente nos países perdedores.

Em países como EUA, Taiwan e Coreia do Sul, os fortes ganhos na manufatura avançada, a disparada dos lucros corporativos e o efeito riqueza decorrente da valorização das bolsas impulsionada pela IA continuam sustentando o crescimento econômico. Em países como China, Tailândia e México, as exportações de tecnologia estão crescendo com rapidez suficiente para compensar a fraqueza de outras áreas de suas economias, inclusive da demanda interna.

Em suma, vivemos em um mundo movido pela IA. É claro que essa obsessão não durará para sempre. O entusiasmo especulativo acabará arrefecendo, mesmo que a revolução tecnológica continue e amplie seu alcance. Como aconteceu após o boom das ferrovias no século XIX e a febre da internet na virada deste século, um mercado global mais equilibrado acabará ressurgindo. Mas enquanto os investidores continuarem vendo a IA como o único alicerce da próxima ordem mundial, eles seguirão classificando os países de acordo com sua capacidade tecnológica. **(Tradução de Mário Zamarian)**

Ruchir Sharma é presidente da Rockefeller International.